



Levantamento bibliográfico de estudos em aquisição de linguagem em revistas de linguística brasileiras: um enfoque para a morfologia

Bibliographic survey of studies on language acquisition in Brazilian linguistic journals: a focus on morphology

Indaiá Bassani

Laboratório de Linguagem e Cognição, Universidade Federal de São Paulo (LabLinC-Unifesp), Guarulhos, São Paulo / Brasil

indaia.bassani@unifesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-5277-2008>

Fernanda Soares

Laboratório de Linguagem e Cognição, Universidade Federal de São Paulo (LabLinC-Unifesp), Guarulhos, São Paulo / Brasil

fssoares@unifesp.br

<http://orcid.org/0000-0002-7528-6221>

Resumo: este artigo apresenta um levantamento sistemático de publicações e propõe uma discussão qualitativa sobre a produção científica de estudos em aquisição de morfologia em comparação a outros níveis de análise linguística dentro do campo de Aquisição e Desenvolvimento de Linguagem no Brasil. Os resultados demonstram que nos últimos 30 anos há menos estudos sobre fenômenos morfológicos durante a aquisição de língua materna do que estudos de aquisição de aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos no corpus selecionado. O maior interesse das pesquisas sobre o português brasileiro está na aquisição do sistema verbal e aborda o fenômeno da regularização e a existência de formas morfológicas variantes na aquisição de regras morfofonológicas. Em seguida, desperta interesse o desenvolvimento do sistema nominal, com a investigação da concordância variável de número, com controle da ocorrência de concordância redundante e não redundante, seguido pela aquisição da categoria de gênero com especial interesse na variação promovida pelas trocas morfêmicas realizadas pelas crianças. Dentre os pouco representativos estudos sobre

a morfologia derivacional, são escassos os trabalhos que fazem uma investigação frente a questões de pesquisa definidas em um quadro teórico específico. São mais presentes os estudos de levantamento de ocorrências de afixos e da investigação da consciência morfológica infantil. Por fim, desenha-se uma agenda inicial de pesquisa para os estudos de aquisição de aspectos morfológicos e lexicais e se destaca que o estudo de tais questões empíricas só se faz justificável frente a um modelo de língua para a Morfologia e para o Léxico.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aquisição de morfologia; revisão de literatura.

Abstract: this paper presents a systematic survey of publications and proposes a qualitative discussion on the scientific production of studies in Morphology Acquisition in comparison to other levels of linguistic analysis within the field of Language Acquisition and Development in Brazil. The results show that in the last 30 years there have been fewer studies on morphological phenomena during first language acquisition than studies on the acquisition of phonological, syntactic, semantic and pragmatic aspects in the selected corpus. The greatest interest of research on Brazilian Portuguese is in the acquisition of the verbal system and addresses the phenomenon of regularization and the existence of variant morphological forms in the acquisition of morphophonological rules. Then, the development of the nominal system arouses interest, with the investigation of the variable number agreement, with control of the occurrence of redundant and non-redundant agreement, followed by the acquisition of the gender category with special interest in the variation promoted by the morphemic exchanges carried out by the kids. Among the little representative studies on derivational morphology, there are few studies that carry out an investigation in relation to research questions defined in a specific theoretical framework. Studies on the survey of affix occurrences and the investigation of children's morphological awareness are more present. Finally, a research agenda is drawn up for studies on the acquisition of morphological and lexical aspects and it is emphasized that the study of such empirical issues is only justified insofar as it appears behind a language model for morphology and for the lexicon.

Keywords: language acquisition; morphology acquisition; literature review.

Recebido em 04 de junho de 2021.

Aceito em 11 de agosto de 2021.

1. Introdução

O objetivo do presente artigo de revisão bibliográfica é produzir um levantamento sistemático e iniciar uma discussão qualitativa sobre

a produção científica de estudos em aquisição de morfologia em comparação a outras subáreas do campo de aquisição de linguagem, no âmbito dos estudos linguísticos no Brasil. Para tal, aplicou-se uma metodologia específica para a busca de artigos em português publicados em um universo de revistas brasileiras especializadas da área de linguística vinculadas a um conjunto de programas de pós-graduação.

Tal levantamento tem como justificativa a averiguação, em certa medida, da afirmação encontrada na literatura de que são ainda escassos os estudos na subárea de aquisição de morfologia no cenário brasileiro em comparação às demais, especialmente as áreas de aquisição de fonologia e sintaxe. Segundo Ferrari-Neto (2012, p. 215):

A aquisição da morfologia é um dos aspectos mais intrigantes do processo de desenvolvimento da competência linguística por crianças. A despeito disso, tem recebido relativamente pouca atenção dos estudiosos da aquisição da linguagem, comparativamente aos módulos fonético-fonológico, lexical e sintático.

Santos (1999) pondera que as pesquisas no campo de aquisição da linguagem produzidas desde meados dos anos 60 demonstram que, somente depois de muito tempo de investigação sobre determinado fenômeno linguístico na língua adulta, pode-se investigar a forma como a criança o “aprende”.

A partir disso, cremos que o recente revigoramento do interesse nos estudos morfológicos sobre a língua adulta no português brasileiro, a partir dos anos 2000, pode ser um dos fatores responsáveis por haver ainda poucos olhares voltados para a investigação da aquisição de morfologia no português brasileiro. Citam-se como marcos do aumento do interesse em estudos de fenômenos linguísticos sob o viés de uma teoria morfológica uma produção vigorosa de trabalhos em Morfologia Distribuída a partir de meados dos anos 2000 (LEMLE *et al.*, 2012) e a criação e crescente continuidade do Colóquio Brasileiro de Morfologia, em 2011, em que são apresentados diversos trabalhos que tratam empiricamente de fenômenos morfológicos sob diversas perspectivas teóricas (SCHER; BASSANI; ARMELIN, 2018).

Em um balanço sobre os estudos produzidos no campo de aquisição de linguagem no Brasil, desde os anos 70 até o ano de 1999, Correa (1999) afirma que houve uma ampliação do interesse e uma diversificação das abordagens teórico-metodológicas, mas que era ainda proporcionalmente pequena a quantidade de pesquisadores dedicada aos estudos de aquisição da língua materna.

Neste cenário, este artigo de levantamento bibliográfico, dentro de seu escopo e limitações, pretende contribuir para o mapeamento dos estudos atuais na subárea de Aquisição de morfologia dentro dos estudos de aquisição de linguagem, servindo como base e motivação para os pesquisadores que buscam bibliografia sobre o tema e, ao mesmo tempo, é uma investigação em si, na medida em que serve para corroborar ou para refutar concretamente a afirmação de que o estudo e o interesse nesta área são menores do que das demais áreas no Brasil, tais como a da aquisição de fonologia e de sintaxe.

Na continuidade do artigo, apresentamos, na seção 2, a metodologia utilizada na constituição do conjunto de dados; na seção 3, apresentamos os resultados descritivos gerais; na seção 4, resenhamos e discutimos os trabalhos classificados sob o tema Aquisição de morfologia para, ao final desta seção, elencar as limitações do estudo e apresentar mais alguns trabalhos importantes não cobertos pela busca resultante de seu desenho metodológico. Por último, na seção 5, concluímos o artigo com as considerações finais, que trazem um balanço sobre os artigos levantados em Aquisição de morfologia e uma possível agenda de pesquisa e, finalmente, seguem as Referências Bibliográficas.

2. Metodologia

Toda conclusão a que chega um estudo com base empírica depende inteiramente de seu desenho metodológico, e não seria diferente no caso do presente trabalho. A partir da hipótese de que há menos estudos sobre aquisição de fenômenos morfológicos em comparação a fenômenos fonológicos e sintáticos, desenhou-se a seguinte metodologia.

Foram selecionadas nove revistas brasileiras que publicam estudos na área de linguística e que estão associadas a programas de pós-graduação em letras e linguística. As revistas selecionadas foram as seguintes: 1. Alfa: revista de linguística (UNESP¹), 2. Caderno de Estudos Linguísticos (UNICAMP²), 3. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUC-SP³), 4. Letrônica (PUC-RS⁴), 5. Linguística (UFRJ⁵), 6. Revista de Estudos da Linguagem – RELIN

¹ Universidade Estadual Paulista.

² Universidade Estadual de Campinas.

³ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(UFMG⁶), 7. Revista Letras (UFPR⁷), 8. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos (UFJF⁸), 9. Revista Letras de hoje (PUC-RS⁴). Todas as edições consultadas apresentavam publicação *online*.

Se considerou, na escolha dessas revistas, aquelas que estavam associadas a universidades que têm, historicamente, a presença de centros de pesquisa e pesquisadores dedicados à Aquisição de Linguagem sob uma perspectiva linguística. De acordo com a historiografia descrita por Correa (1999, p. 349) e Scliar-Cabral (2013, p. 115), em meados dos anos 70, as pesquisadoras Cláudia Lemos, Leonor Scliar Cabral e Eleonora Albano obtiveram suas formações e deram início a projetos duradouros sobre aquisição de linguagem em centros de pesquisa das regiões Sul e Sudeste do Brasil, com possíveis formações complementares no exterior. Presumimos que esse é um dos motivos pelos quais as revistas mais antigas associadas a programas de pós-graduação com tradição no desenvolvimento de estudos sobre a linguagem infantil estão alocadas nestas mesmas regiões. Posteriormente, os estudos sobre Aquisição de linguagem vieram a se espalhar por todo o Brasil por meio da colocação profissional dos pesquisadores ali formados. Desse modo, a escolha pelas revistas seguiu, além de critérios práticos (e.g. área de inserção), algum grau de avaliação subjetiva de conhecimento do campo. Uma limitação dessa metodologia com base histórica consiste no fato de terem sido selecionadas somente revistas das regiões sul e sudeste e de não terem sido incluídas revistas de Associações, tais como ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística).⁹ De modo mais rigoroso, os resultados deste estudo se restringem, então, a este contexto de seleção.

Em relação ao período estudado, foram consultados os trabalhos registrados entre os anos 1980 e 2020 no campo *ano* durante a busca. O recorte dos anos 1980 a 2020 se justifica pelo início dos estudos e pela inauguração de centros de pesquisa e coleta de dados em aquisição de linguagem em meados dos anos 1970 (Correa, 1999), com conseqüente publicação a partir da década seguinte. É importante destacar que alguns poucos artigos apresentaram duas datas bastante diferentes: a data em que

⁶ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷ Universidade Federal do Paraná.

⁸ Universidade Federal de Juiz de Fora .

⁹ Agradecemos a um parecerista anônimo por estes apontamentos e esperamos produzir, no futuro, uma ampliação deste estudo com a inserção de revistas de todas as regiões do Brasil, bem como revistas ligadas a Associações de Linguística. Acreditamos, no entanto, que esta amostra local pode ser representativa do cenário nacional.

foram originalmente escritos e a data de publicação. Trata-se de casos de edições especiais e dossiês que buscaram republicar em plataforma digital trabalhos originalmente publicados em anais de eventos ou em edições físicas. Neste caso, consideramos a data de publicação original de modo a mapear o momento de produção do conhecimento.

Em seguida, deu-se a busca por artigos através das seguintes palavras-chave: 1. Aquisição de linguagem; 2. Aquisição de Fonologia; 3. Aquisição fonológica; 4. Aquisição de Morfologia; 5. Aquisição morfológica; 6. Aquisição de Sintaxe; 7. Aquisição sintática. Não buscamos, inicialmente, as palavras-chave aquisição fonética, aquisição semântica e aquisição lexical por razões de escopo do trabalho. Como a busca por palavras-chave foi feita em língua portuguesa, com exceção de um, os trabalhos retornados pela busca são textos publicados em língua portuguesa.

A partir desta primeira busca, os artigos foram organizados em uma planilha de dados e catalogados de acordo com as seguintes variáveis: autor, título, ano escrito, ano publicado, link de acesso, palavras-chave (através das quais foram encontrados) e revista.

Ao se analisar de forma pormenorizada esses registros, verificou-se que, apesar de terem sido associados às palavras-chave buscadas sistematicamente, alguns resultados não tratavam de aquisição de linguagem. Isso se deu porque o sistema de busca da revista pode incluir o texto de descrição da filiação do autor que, por sua vez, pode conter como termos algumas das palavras-chave citadas acima. Por isso, cada trabalho foi avaliado quanto a sua pertinência, ou seja, se seu conteúdo era relacionado, de algum modo, ao tema de Aquisição de Linguagem e, na sequência, todos os artigos foram classificados de acordo com o seu tema específico predominante. Adicionou-se, assim, uma coluna 'Tema' na catalogação com as possibilidades de classificação a partir da avaliação do tema predominante¹⁰ de cada registro, tal como descrito no Quadro 1.

¹⁰ Alguns artigos abordam fenômenos de interface e/ou múltiplas questões teóricas. Neste caso, se a interface era o cerne do artigo, mantivemos as duas áreas separadas por hífen (ex. sintaxe-semântica) e, caso contrário, inserimos o nível de análise e/ou abordagem teórica predominante.

Quadro 1 - Classificação por temas predominantes

Tema predominante
Aquisição de escrita/leitura
Aquisição de fonologia
Aquisição de linguagem
Aquisição de linguagem - LIBRAS
Aquisição de morfologia
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo
Aquisição de semântica/pragmática
Aquisição de sintaxe
Aquisição de sintaxe/semântica
Aquisição em desvio
Cognição social
Enunciação
Interação
Metodologia
Revisão bibliográfica

Fonte: elaboração própria.

Após a exclusão de artigos que não tratavam de temas em aquisição de linguagem, apesar de terem sido recuperados pelas palavras-chave, chegou-se ao número de 195 artigos¹¹. Para fins da análise estatística descritiva, em especial para a ilustração gráfica, a classificação por temas foi reagrupada do seguinte modo: os artigos de tema *Aquisição de linguagem*, *Aquisição de linguagem - LIBRAS*¹², *Metodologia* e *Revisão Bibliográfica* foram reagrupados sob o tema geral *Aquisição de linguagem*, os artigos sob o tema *Aquisição de sintaxe*, *Aquisição de sintaxe/semântica* e *Aquisição de semântica e pragmática* foram reagrupados sob o tema *Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática* e os

¹¹ Aos interessados, podemos disponibilizar a planilha geral de registro sob solicitação por e-mail.

¹² Quatro artigos foram classificados sob o tema Aquisição de linguagem (LIBRAS), três deles tratam de temas gerais da aquisição de língua de sinais brasileira como primeira língua por crianças surdas, sendo que um desses também compara essa aquisição de linguagem a de crianças ouvintes, e um deles trata de um tema mais específico (Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão).

trabalhos em *Cognição social*, *Enunciação* e *Interação* foram agrupadas sob o tema *Outros*. Isso resultou no Quadro 2 de temas agrupados considerados na maior parte das análises descritivas.

Quadro 2 - Classificação por temas agrupados

Temas agrupados
Aquisição de escrita/leitura
Aquisição de fonologia
Aquisição de linguagem
Aquisição de morfologia
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo
Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática
Aquisição em desvio
Outros

Fonte: elaboração própria.

É relevante que comentemos alguns critérios de classificação dos trabalhos. De modo geral, privilegiou-se o nível de análise e/ou contexto de aquisição linguística do fenômeno abordado em detrimento da abordagem teórico-metodológica¹³. Quando o objetivo principal do artigo não era centrado em um fenômeno linguístico, mas em aspectos mais gerais do processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem e/ou sua relação com outras áreas de conhecimento e estudos, decidiu-se por classificá-los sob o tema geral Aquisição de linguagem¹⁴. Quando o artigo apresentava questões de interface, e não era possível definir uma área de maior enfoque, em especial de determinado fenômeno linguístico, utilizou-se a barra para inserir as duas áreas, como, por exemplo, em Aquisição de sintaxe/semântica. Como foram encontrados 16 trabalhos que tratavam de aquisição de sintaxe, 12 de sintaxe/semântica e 2 de semântica e pragmática, decidiu-se criar o tema agrupado *Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática* para uma melhor visualização dos gráficos. Ainda, quando o artigo tratava de

¹³ Nos três trabalhos classificados excepcionalmente sob os temas Enunciação, Cognição Social e Interação, era predominante a discussão sobre aspectos teóricos no estudo de Aquisição.

¹⁴ A título de exemplo, os trabalhos intitulados “Questões sobre o deslocamento do investigador em aquisição de linguagem” e “Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem” foram classificados sob este tema.

interfaces entre fenômenos, modalidades, e teorias, optou-se por classificar pela subárea mais relevante¹⁵.

Para concluir, foram investigadas, então, as seguintes variáveis para cada artigo: revista de publicação, ano de publicação e tema.

3. Resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados da análise descritiva aplicada ao conjunto de 195 artigos encontrados e classificados quanto às variáveis revista, ano e tema de publicação. Em primeiro lugar, observa-se a análise estatística bivariada das variáveis Publicações e Revistas na tabela abaixo.

Tabela 1 - Análise descritiva bivariada: revista vs. número de publicações

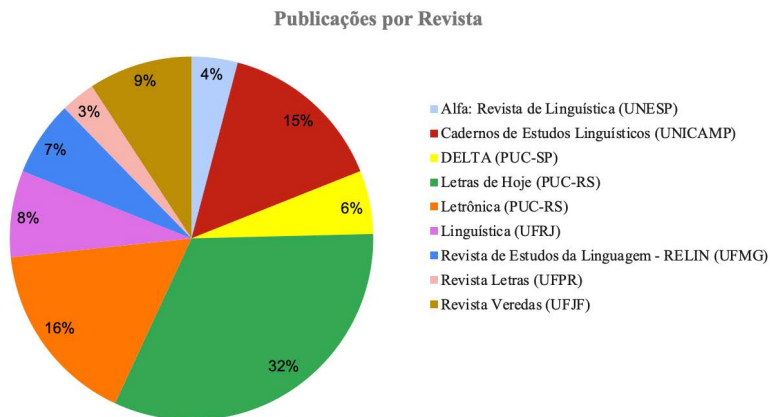
Revista	Publicações	%
Letras de Hoje (PUC-RS)	63	32%
Letrônica (PUC-RS)	32	16%
Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)	29	15%
Revista Veredas (UFJF)	18	9%
Linguística (UFRJ)	15	8%
Revista de Estudos da Linguagem - RELIN (UFMG)	13	7%
DELTA (PUC-SP)	11	6%
Alfa: Revista de Linguística (UNESP)	8	4%
Revista Letras (UFPR)	6	3%
Total	195	100%

Fonte: elaboração própria.

Observa-se que as revistas Letras de Hoje (PUC-RS), com 32%, Letrônica (PUC-RS), com 16%, e Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), com 15%, concentram a maior parte dos trabalhos, somando em torno de 63% de toda produção levantada. O gráfico abaixo demonstra essa concentração de produção.

¹⁵ Como forma de exemplificar a situação, o artigo “A aquisição da linguagem falada e escrita: o papel da consciência linguística” foi classificado como Aquisição de leitura/escrita, mas tratava também de questões fonológicas. Não é interessante criar uma categoria aquisição de escrita/fonologia.

Gráfico 1 - Análise descritiva bivariada: Revista vs. Publicações



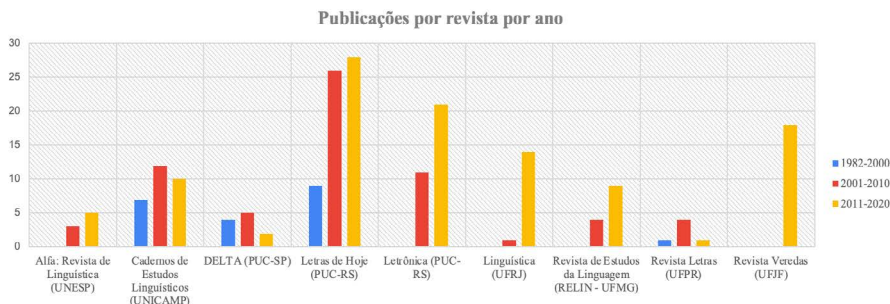
Fonte: elaboração própria.

Deve-se destacar que as revistas com maior número de publicações, Letras de Hoje e Letrônica, vinculadas ao programa de pós-graduação em Letras da PUC-RS e Caderno de Estudos Linguísticos da UNICAMP respectivamente, são associadas a centros e regiões historicamente pioneiros na difusão de estudos em aquisição de linguagem no país. Foi na UNICAMP que, em meados dos anos 1970, iniciou-se o projeto *Aquisição de Linguagem* sob coordenação da Profa. Dra. Cláudia Lemos. Posteriormente, os egressos formados neste programa difundiram o projeto por universidades de todo o país. Também é possível correlacionar a grande concentração de trabalhos nas revistas Letras de Hoje, mais antiga, tendo sido inaugurada em 1967, e na Revista Letrônica, inaugurada em 2008, ao pioneirismo da Profa. Dra. Leonor Seliar-Cabral nos estudos de Aquisição de Linguagem, na região Sul do país, e seu consequente espraiamento por todo o território nacional. Ainda, em 1987 foi criado o Centro de Estudos sobre Aquisição e Aprendizagem da Linguagem – CEAAL como consolidação das pesquisas em andamento desde 1983 (LAMPRECHT, 2003, p. 12).

Em relação à continuidade do fluxo de publicações em temas de aquisição de linguagem ao longo do tempo nas revistas selecionadas, notamos, pelo gráfico 2 abaixo, que, com exceção das revistas Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), Delta (PUC-SP) e Letras (UFPR),

houve aumento do número geral de publicações entre os recortes temporais, que compreendem os períodos de 1982-2000, 2001-2010 e 2011-2020.

Gráfico 2 - Análise descritiva multivariada: Publicações vs. Revista vs. Tempo



Fonte: elaboração própria.

Em seguida, após primeira classificação geral por temas, conforme explicitado na seção Metodologia, chegou-se à análise descritiva bivariada das variáveis publicações por tema na tabela 2.

Tabela 2 - Análise descritiva bivariada: Tema predominante vs. número de publicações

Tema predominante	Publicações	%
Aquisição de linguagem	40	20,5%
Aquisição de fonologia	34	17,4%
Aquisição de escrita/leitura	23	11,8%
Aquisição de sintaxe	16	8,2%
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo	15	7,7%
Aquisição de morfologia	15	7,7%
Aquisição em desvio	15	7,7%
Aquisição de sintaxe/semântica	12	6,2%
Revisão bibliográfica	7	3,6%
Interação	5	2,6%
Aquisição de linguagem – LIBRAS	4	2,1%
Enunciação	3	1,5%
Aquisição de semântica/pragmática	2	1,0%

Metodologia	2	1,0%
Cognição social	1	0,5%
Metodologia	1	0,5%
Total	195	100%

Fonte: elaboração própria.

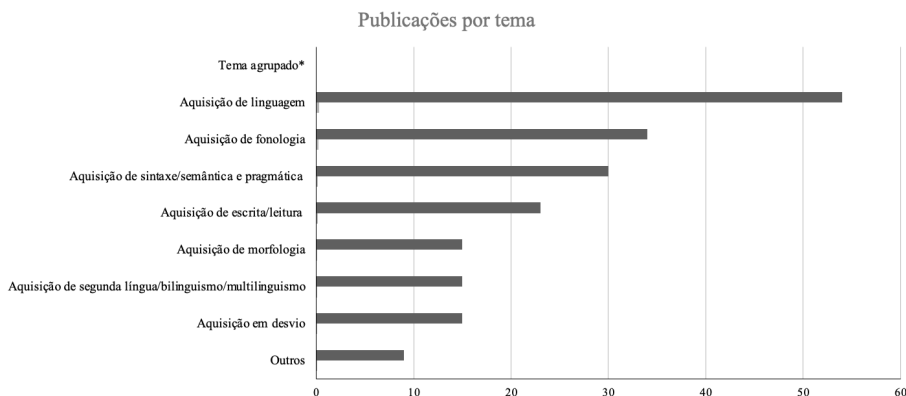
Após agrupamento de temas conforme critério explicitado na metodologia, observa-se a distribuição apresentada na tabela 3 e no gráfico 3.

Tabela 3 - Análise descritiva bivariada: Tema agrupado vs. número de publicações

Temas agrupados	Publicações	%
Aquisição de linguagem	54	27,7%
Aquisição de fonologia	34	17,4%
Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática	30	15,4%
Aquisição de escrita/leitura	23	11,8%
Aquisição em desvio	15	7,7%
Aquisição de segunda língua/bilinguismo/multilinguismo	15	7,7%
Aquisição de morfologia	15	7,7%
Outros	9	4,6%
Total	195	100%

Fonte: elaboração própria.

Gráfico 3 - Análise descritiva bivariada: Tema agrupado vs. Número de publicações



Fonte: elaboração própria.

Conforme esperado, por ser o tema mais amplo e transversal, a maior parte dos trabalhos se concentra em 54 publicações sob o tema Aquisição de linguagem, sem um enfoque sob um fenômeno linguístico ou contexto específico de aquisição (27.7% do total), seguido de 34 publicações de Aquisição de fonologia, (totalizando 17.4% do total), e, em terceiro lugar, estão 30 estudos em aquisição de sintaxe/semântica e pragmática, somando 15.4% do total. Lembramos que desses últimos, 16 são estudos sobre aquisição de fenômenos puramente sintáticos, 12 de fenômenos sintático-semânticos e 2 semântico-pragmáticos. As publicações classificadas sob o tema predominante de Aquisição de morfologia são apenas 15 artigos e representam 7.7% do total. Na seção 4, discutiremos aspectos mais específicos desses trabalhos.

Quando cruzadas as variáveis Revista e Tema, observamos a seguinte distribuição disposta na tabela 4. As cores das células indicam quais temas são mais publicados em quais revistas, sendo que as maiores porcentagens estão em células de cor verde e as menores, em células de cor vermelha. Observamos que, dentre os trabalhos levantados na revista Alfa, a maior parte é da temática Aquisição de Fonologia (50%); já nos Cadernos de Estudos Linguísticos, a maioria é de publicações em Aquisição de Linguagem em geral (48,2%), enquanto nas revistas Delta e Linguística concentram-se trabalhos de Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática (45,5% e 47%, respectivamente). Por sua vez, na revista Letras, concentram-se trabalhos de Aquisição de escrita/leitura (83,3%); nas revistas Letrônica e Veredas, a distribuição de temas é mais

equilibrada. Ademais, observa-se que as revistas que mais publicaram trabalhos em Aquisição de morfologia foram a Revista Veredas (22,2%), a Revista Linguística (13,3%) e a Revista Alfa (12,5%). Todavia, nota-se que, em nenhuma das revistas investigadas, este tema aparece entre os mais publicados.

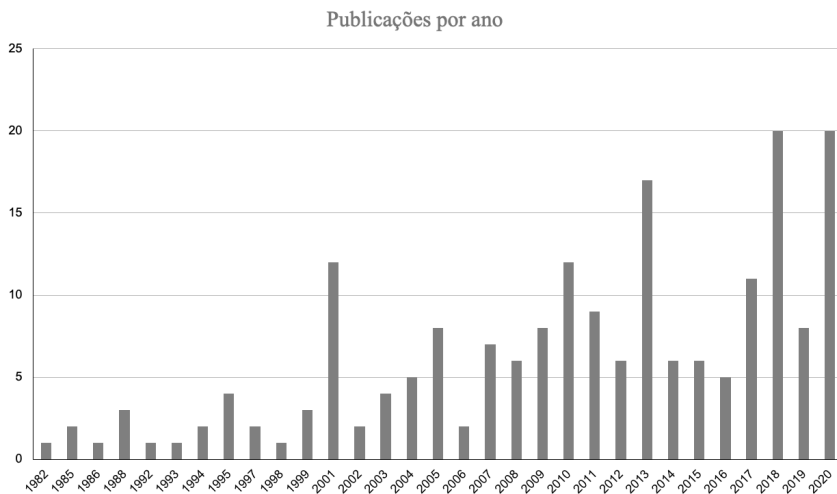
Tabela 4 - Análise descritiva bivariada: Tema agrupado vs. Revista

Tema agrupado	ALF	CEL	DEL	LHOJ	LTRO	LING	REL	LET	VER
Aquisição de escrita/leitura	12,5%	17,2%	0,0%	6,4%	15,6%	0,0%	23,1%	83,3%	0,0%
Aquisição de fonologia	50,0%	6,9%	18,2%	15,9%	18,8%	20,0%	15,4%	16,7%	22,2%
Aquisição de linguagem	0,0%	48,2%	9,1%	44,5%	15,6%	13,3%	23,1%	0,0%	5,6%
Aquisição de morfologia	12,5%	3,5%	0,0%	6,3%	9,4%	13,3%	0,0%	0,0%	22,2%
Aquisição de seg. ling/biling/multi	0,0%	0,0%	0,0%	4,8%	18,8%	0,0%	15,4%	0,0%	22,2%
Aquisição de sintaxe/sem. e pragm.	0,0%	13,8%	45,5%	12,7%	6,3%	46,7%	15,4%	0,0%	11,1%
Aquisição em desvio	0,0%	10,4%	0,0%	9,5%	6,3%	0,0%	7,7%	0,0%	16,7%
Outros	25,0%	0,0%	27,3%	0,0%	9,4%	6,7%	0,0%	0,0%	0,0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaboração própria.

Sobre a variável ano, inicialmente, observou-se a distribuição das publicações em cada um dos anos dentro do recorte temporal escolhido (1980-2020).

Gráfico 4 - Análise descritiva bivariada: Ano vs. Número de publicações



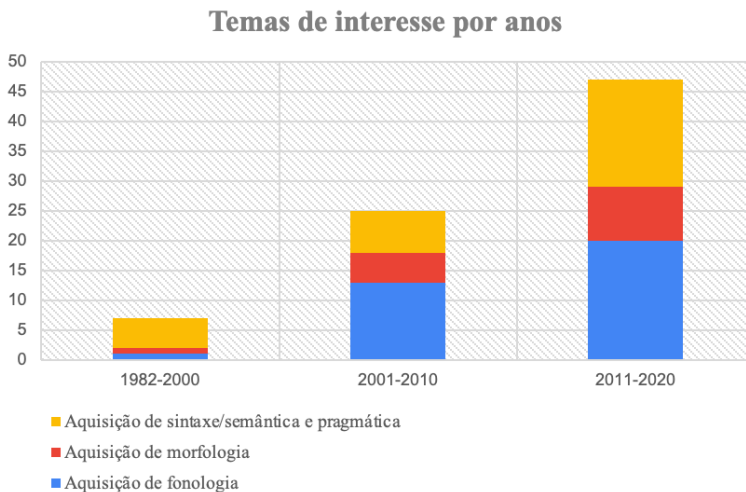
Fonte: elaboração própria.

O artigo mais antigo encontrado tem data de 1982 (39 anos atrás). O gráfico também mostra alguns picos, com o segundo deles ocorrendo em 2005, quando que houve a edição de número intitulado “25 anos do projeto de aquisição de linguagem: uma homenagem a Cláudia Lemos”¹⁶, na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos*, da UNICAMP. A partir de então, houve manutenção e crescimento gradual de publicações de artigos no decorrer do tempo, de modo que o período de maior proliferação de trabalhos publicados foi entre 2018 e 2020, quando se publicaram 40 artigos ao todo. Também houve, em 2020, a publicação de um número temático em *Aquisição de Linguagem na Revista Veredas*, a que se deve o alto número de publicações (20). O aumento das publicações, com o avançar dos anos, pode se dar tanto pelo aumento das publicações em revistas *on-line* de modo geral quanto pelo aumento do interesse nos estudos em aquisição de linguagem e na sua consequente divulgação científica. Nota-se que 108 publicações, equivalente a aproximadamente 55% do total dos trabalhos levantados (mais da metade), concentram-se entre os anos de 2011 e 2020, a década mais recente investigada. Esse achado, circunscrito ao recorte metodológico adotado, pode indicar crescente interesse pela área geral dos estudos de aquisição de linguagem. Também deve-se observar esse achado junto a um crescente aumento da produção científica em revistas de linguística em geral, mas esse fator não está no escopo dessa investigação.

Quando cruzamos as principais variáveis de interesse do artigo no quesito tema, a saber, aquelas que correspondem a níveis de análise linguística, Aquisição de fonologia, Aquisição de morfologia e Aquisição de sintaxe/semântica e pragmática, observamos que nas três décadas em que foram levantados os trabalhos, houve um aumento das publicações em todas as áreas na última década. Os trabalhos de Aquisição de morfologia, sempre em menor quantidade, apresentam um crescimento tímido, mas gradativo. O gráfico 5 ilustra esse crescimento do tema Aquisição de morfologia nas barras das duas últimas décadas. Na próxima subseção, aprofundamo-nos nestas publicações.

¹⁶ Cláudia Lemos foi criadora e desenvolvedora do grupo de estudos sobre aquisição de linguagem na Universidade de Campinas, que contribuiu em suma importância para criação de diversos estudos envolvendo e derivando o tema de aquisição de linguagem do português brasileiro.

Gráfico 5 - Análise descritiva bivariada: Ano agrupado vs. publicações por temas de interesse



Fonte: elaboração própria.

4 Estudos sobre Aquisição de morfologia

Após a classificação de 15 artigos na categoria geral Aquisição de morfologia, procedeu-se à categorização entre estudos de que tratam de aspectos de morfologia derivacional e morfologia flexional. Como já mencionado acima, iniciamos o estudo com a pré-concepção de que estudos sobre a aquisição de morfologia derivacional são em menor quantidade, quando comparada à flexional. Na tabela 5, temos o resultado desta subclassificação.

Tabela 5- Distribuição de artigos em morfologia flexional e derivacional

Morfologia	Publicações	%
Derivacional	3	20%
Flexional	12	80%
Total	15	100%

Fonte: elaboração própria.

Dos 15 trabalhos levantados em aquisição de morfologia, 12 tratam de aquisição de morfologia flexional e 3 tratam de aquisição de morfologia derivacional. Com os números explícitos, vemos o percentual de representação sobre as publicações, em que também se pode embasar a resposta para questão inicial que originou este trabalho: 80% dos trabalhos são sobre morfologia flexional, o que representa uma menor representatividade dos estudos que enfocam a descrição e a análise de fenômenos da morfologia derivacional no corpus de análise do presente artigo.

Dentre os trabalhos em aquisição de morfologia flexional, a maioria deles aborda aspectos da flexão do sistema verbal. É o caso de Yavas e Campos (1988)¹⁷, que é um estudo comparativo da aquisição de morfologia verbal no português brasileiro como L1 e como L2. São analisados dois estudos de caso longitudinais: um de uma criança com idade em torno de dois anos, durante, aproximadamente, um ano de gravações sistemáticas e observações; o outro, de um adulto de 22 anos falante nativo de japonês, o qual não recebeu instruções formais e aprendeu português por imersão e que teve sete entrevistas gravadas. Os resultados do estudo, que devem ser relativizados, dada a sua falta de sistematicidade e à natureza de estudo de caso, apontam que a aquisição de morfologia verbal segue cursos semelhantes nos dois cenários: uso inicial da segunda/terceira pessoa como referência a qualquer pessoa do discurso; estabelecimento do presente do indicativo seguido do pretérito perfeito no tempo verbal. Por outro lado, a principal diferença é o uso do imperativo na L1 em seu estágio inicial e ausência na L2.

Já Lorandi (2010), que aborda a (super)regularização ou supergeneralização para o estudo do processo de aquisição do subsistema morfológico da língua em uma perspectiva da Teoria da Antifidelidade Transderivacional, parte da Teoria da Otimalidade. Apesar de considerar as inovações lexicais, em termos de verbos e de nomes, verificadas em formas como “vassourar” (aos 3:11) ou “remedieiro” (aos 5:10)” (p. 83), o principal enfoque do trabalho está nos “erros” morfológicos flexionais exemplificados por “formas verbais regularizadas, tais como “trazi” (B. 3:1), ou com trocas de sufixos flexionais, como em “mexei”, “suji” (A.C. 2:11) ou “usia” (H. 3:4)” (LORANDI, 2010, p. 83).

Por sua vez, Santos e Scarpa (2003) descrevem a emergência de formas verbais flexionadas na fala infantil pelo estudo de duas crianças (1

¹⁷ Republicado em 2014.

a 3 anos) e discutem em que medida as formas iniciais, ou precoces, são o resultado de aplicação de análises e de regras morfológicas de fato ou se são somente fragmentos incorporados a partir da fala do interlocutor. As autoras sugerem que é a partir de 1;10 (até por volta de 2;09) que ocorre análise interna da palavra, pois se verificam fenômenos como a regularização, a combinação com formas verbais auxiliares e a aplicação de morfologia nominal em formas verbais. É a partir desse período que há possível uma delimitação de fronteiras internas da palavra para a atribuição de acento lexical; na produção precoce, o acento lexical se confunde com o acento frasal.

Nessa mesma linha, Goulart e Matzenauer (2018) investigam a aquisição de morfologia verbal, mais especificamente a produção de verbos irregulares e a observação de regularizações, em oito crianças com 6 a 9 anos de idade, por meio de tarefa de produção eliciada. Este recorte se justificou porque os estudos sobre regularização indicam que o fenômeno ocorre até por volta de 5 anos. Os resultados, analisados sob a ótica da teoria da Morfologia e Fonologia Lexical da Teoria Gerativa, apontam que as crianças nesta faixa etária ainda produzem regularizações para certos verbos irregulares, tais como *perder*, *medir*, *pedir* e *satisfazer* e, em especial, nas formas do subjuntivo. Os resultados apontam, ainda, que as formas irregulares dos verbos com mais alta frequência na língua são adquiridas mais cedo e que há uma interação importante entre a variável letramento e essa aquisição nesta faixa etária.

Molina, Marcilese e Name (2018) investigam a aquisição de flexão verbal de terceira pessoa do plural por crianças adquirindo o português brasileiro (PB), tendo em conta a variação morfofonológica da categoria de número (singular x plural). Os dados de produção são obtidos pelo estudo naturalístico longitudinal de Molina (2018) e, para os dados de compreensão, foi desenvolvido um experimento de identificação de imagens aplicado em 32 crianças, com 16 na faixa de 6 anos e 16 na faixa de 10 anos. Os resultados de produção mostram que as crianças de classe média residentes em região urbana apresentam maior variação na marcação de número do que os adultos, mas que a marcação redundante ainda prevalece sobre a marcação não redundante. Nas crianças de classe baixa e residentes em área rural, predominou a marcação não redundante. O estudo experimental revelou que a flexão variável de plural não influencia na compreensão de plural necessária na tarefa realizada,

sendo preservado o mapeamento das noções de numerosidade (singular como “um elemento” e plural como “mais de um elemento”).

Ainda no âmbito do estudo do verbo, dois trabalhos debruçam-se sobre a aquisição do aspecto no sistema verbal. Araujo (2018) investiga a aquisição das categorias de aspecto gramatical e lexical nas formas verbais, por meio de estudo naturalístico longitudinal de duas crianças, na faixa etária de 1;11 a 2;10. Seus resultados apontam que o traço de finitude está associado à morfologia de perfectivo e que os sujeitos apresentam maior produtividade no uso da morfologia de perfectivo em comparação à morfologia de progressivo e privilegiam eventos télicos, sobretudo os de culminação. Por essas razões, a autora afirma que esses dados corroboram a hipótese da primazia do aspecto lexical sob o aspecto gramatical: o aspecto é adquirido primeiramente, se comparado à categoria de Tempo nos verbos.

Com tema afim, Silva, Martins e Rodrigues (2020) investigam a interação entre tempo e aspecto na aquisição de categorias verbais a partir de estudo de caso com dados longitudinais de uma criança entre 1;11 a 3;8 de idade, tendo como pano de fundo também a hipótese da primazia do aspecto e a classificação aspectual de Rothstein (2008). Levantaram-se as marcas morfológicas em verbos que configuram eventos prolongáveis temporalmente e eventos de mudança de estado. Os resultados apontam que a morfologia de progressivo estava associada à categoria de *minimal events are extended* e a de pretérito perfeito estava associada à de *event of change*¹⁸. Assim, confirmou-se, também, a hipótese da primazia do aspecto na produção de flexão verbal.

No âmbito dos estudos sobre a flexão nominal, mais especificamente sobre a flexão de gênero, os trabalhos de Figueira (2001, 2005)¹⁹ tratam da produção de formas divergentes ou inovações da fala

¹⁸ Tradução: “eventos mínimos são estendidos” e “evento de mudança”. De acordo com as autoras, Rothstein (2008) assume que as quatro classes verbais clássicas (Atividade, Estado, Accomplishment e Achievement) podem ser caracterizadas “por duas propriedades aspectuais básicas: se são ou não inerentemente prolongadas temporalmente (traço *minimal events are extended*) e se exprimem ou não eventos de mudança de estado (traço *event of change*)” (SILVA; MARTINS; RODRIGUES, 2020, p. 114.)

¹⁹ Data da publicação original destes artigos; republicados em 2011 e 2013. Figueira (2005) cita diversos trabalhos anteriores que tratam da aquisição de morfologia por meio do estudo das formas divergentes, e que não foram selecionados no escopo metodológico deste levantamento. Consideramos, no entanto, que é importante registrar alguns deles:

infantil (“erros”) na produção das marcas de gênero em substantivos e nas concordâncias nominais sob a perspectiva interacionista e da enunciação. Essas marcas inesperadas de gênero geram expressões com efeito anedótico produzidas pelas crianças. Segundo a autora, a investigação dessas marcas aponta tanto para a construção do sistema gramatical, em especial no que tange à relação entre categorial gramatical e expressão de sexo no sistema morfológico, quanto para a constituição da criança como falante. Os dados morfológicos elencados constituem trocas produzidas no gênero de substantivos e adjetivos com vistas a: 1. regularizar formas que escapam ao padrão geral da língua (a- para feminino e o- para masculino); alguns exemplos são *a tapa, o amoto, (ela é) pobra, pai careco*; 2. conformar formas de gênero ao sexo do falante (motivo pelo qual a autora chama de marcação de gênero-sexo), de modo que alguns exemplos são *reporta (porque reporta é mulher), não é galo, é galinha (referindo-se a galo na cabeça de uma menina), bom dio é para homem, bom dia é para mulher*.

Por sua vez, Name (2001)²⁰ tem como objeto a aquisição de gênero gramatical como mecanismo dependente do sistema sintático de concordância em uma perspectiva minimalista da Teoria Gerativa. Partindo da hipótese de que a criança faz uso da informação sobre o gênero expresso no determinante para identificar o traço de gênero do nome, a autora levanta uma série de estudos experimentais na literatura sobre produção e percepção, que levam às seguintes conclusões: a. a criança distingue itens funcionais a partir de 10 meses de idade; b. há possibilidade de identificação do determinante a partir de 10 meses e meio de idade, c. há mapeamento entre itens funcionais e categorias funcionais a partir de 13 meses. Name (2001), ainda, conclui afirmando a necessidade de estudos sobre a identificação da categoria Determinante e de gênero.

No que se refere ainda ao sistema nominal, mas na flexão de número, Reis (2020) investiga a aquisição de morfologia de flexão de número no sintagma nominal e no verbo, por meio de um estudo experimental de tarefa de produção eliciada com 75 sujeitos entre 3 e 5 anos, aplicado em ambiente escolar. A autora investigou a possibilidade

FIGUEIRA (1999; 2003). Salientamos que os trabalhos da autora apresentam relevante contribuição para a investigação da aquisição morfológica e lexical no português brasileiro.

²⁰ Republicado em 2013.

de interação das variáveis saliência fônica do nome e escolaridade para a aquisição destas categorias. As crianças produziram mais concordância não redundante de modo geral e produziram mais concordâncias não redundantes que os adultos. As variáveis extralinguísticas não se mostraram relevantes e houve mais concordância não redundante em nomes com saliência fônica.

Azalim, Marcilese e Armelin (2020) também investigam a produção da concordância nominal variável de número durante a aquisição de português brasileiro, tendo como variável de interesse o papel da saliência fônica (padrão de acentuação e número de sílabas). O estudo se baseia em dados naturalísticos longitudinais de sujeitos entre 3 e 6 anos de idade e dados experimentais de uma tarefa de produção eliciada por imagens de 20 crianças com 6 anos de idade. Os resultados nos dois tipos de estudo apontam que as duas formas de saliência fônica não se mostraram estatisticamente relevantes para prever a alternância das regras redundante e não redundante na produção da concordância.

Passemos, agora, aos três artigos classificados sob a categoria Morfologia Derivacional, sobre os quais nos estenderemos um pouco mais. Apesar de enfocarem também alguns testes de flexão, Lorandi *et al.* (2012) apresentam maior enfoque na morfologia derivacional na perspectiva dos estudos sobre Consciência Linguística. Este estudo parte de Lorandi (2011) para realizar uma análise qualitativa sobre dados coletados durante aplicação de testes de consciência morfológica com aparato teórico do modelo de Redescrição Representacional de Karmiloff-Smith (1992) para o estudo do desenvolvimento cognitivo. Este modelo sugere que os níveis de representação mental se dividem em um nível implícito (procedimental) e em três níveis explícitos, em que, a cada nível, a informação se torna mais acessível à consciência, ou seja, explícita. À luz dessa proposta, três testes, denominados Testes de Morfologia, foram aplicados em ambiente escolar em crianças de 3;5 a 10;11 anos e solicitavam, basicamente, a escolha entre formas derivativas e flexionadas a partir de palavras inventadas (pseudopalavras) ou palavras existentes no português com possíveis formas morfológicas variantes (por regularização ou troca de sufixos). O uso de pseudopalavras objetivava identificar se a criança teria internalizado a regra morfológica; se sim, ela saberia reproduzi-la em palavras inventadas. Percebeu-se, pelos resultados, que crianças da mesma série escolar têm desempenhos diferentes e que a questão da idade não necessariamente implica que se

tenha o mesmo conhecimento morfológico/fonológico adquirido. Há, no final, uma interessante discussão teórica, pois, segundo o modelo de Redescrição Representacional, o desenvolvimento com relação a qualquer microdomínio da consciência linguística independe de idade, pois fatores individuais são preponderantes. Fica inacabada a investigação detalhada de quais seriam esses fatores.

Por sua vez, Borges, Mazzafero e Matzenauer (2018) investigam o processamento morfológico em pseudopalavras em 16 crianças monolíngues falantes de português brasileiro não-alfabetizadas e em processo de alfabetização entre 4 e 7 anos de idade. As crianças foram divididas em dois grupos (Grupo 1 – não alfabetizadas e Grupo 2 – em processo de alfabetização) e em quatro faixas etárias: FE1 (4 anos), FE2 (5 anos), FE3 (6 anos); FE4 (7 anos). Em uma dimensão teórica, o artigo também aborda a consciência morfológica na aquisição de linguagem, definida como a sensibilidade e a habilidade de lidar com as unidades morfológicas da língua. Para tal, aplicou-se uma tarefa de reconhecimento de pseudovocábulo (*tarefa de interpretação de pseudopalavras*) com os sufixos agentivos *-eiro*, *-ista* e *-or* e os prefixos *des-* e *re-*. As pseudopalavras investigadas foram *bonecador*, *frutador*, *camisador*, *pipador*; *quadrista*, *arvorista*, *jardinista*, *moranguista*; *desfeliz*, *desbonito*, *deslegal*, *desbondoso*; *relatir*, *reamar*, *rechorar*, *redormir*.

Para compor a tarefa, uma pequena história, a ser contada por fantoches, foi criada para cada afixo. Ao final de cada uma, solicitou-se às crianças que informassem: 1) o significado de cada pseudopalavra; 2) o que essas palavras tinham em comum (qual “pedacinho” comum); 3) a posição que os afixos ocupavam nas palavras (prefixo/início ou sufixo/fim). Interpretados frente aos três graus da consciência morfológica, a saber: a. reconhecimento da diferença entre palavra primitiva e derivada; b. reconhecimento da posição do afixo na palavra; c. segmentação da palavra em morfemas, os resultados gerais mostram que:

i. a maioria dos falantes foi capaz de reconhecer o significado das pseudopalavras em todas as faixas etárias, não havendo diferenças marcantes entre elas;

ii. os Grupos 1 (não alfabetizado) e 2 (em alfabetização) não apresentaram dificuldades em localizar a posição dos sufixos, sendo que o segundo grupo tem sempre melhor desempenho em geral, mas o Grupo 1 apresentou dificuldade em apontar a posição dos prefixos nas pseudopalavras. Segundo as autoras, “também essa diferença entre os dois

grupos indica a maior complexidade que os prefixos mostram ao serem comparados aos sufixos” (BORGES; MAZZAFERO; MATZENAUER, 2018, p. 592);

iii. no Grupo 1, a maioria dos falantes não foi capaz de segmentar as palavras, mas, no Grupo 2, as crianças desempenharam essa tarefa satisfatoriamente tanto para prefixos quanto para sufixos.

A análise geral também indica que a consciência da derivação sufixal parece ser adquirida mais precocemente do que a da derivação prefixal no processo de aquisição da morfologia do PB. Um exemplo ilustrativo é o de uma criança de 4 anos que ao ser questionada se a palavra *deslegal* era o mesmo que *legal*, responde afirmativamente: “a presença do prefixo parecia passar despercebida pela criança. A palavra *deslegal* foi tomada como uma variante da palavra *legal*.” (p. 590). Em relação à descrição mais refinada, os resultados da tarefa sugerem diferentes níveis de complexidade ou marcação afixal: o sufixo *-or* é apontado como menos marcado do que o sufixo *-ista* na formação de nomes agentivos e o sufixo *des-* é menos marcado do que *re-* na formação de nomes. A relação não é discutida ou esclarecida devidamente, mas essa conclusão parece estabelecer uma relação entre o grau de facilidade de reconhecimento e a complexidade e/ou marcação do afixo: quanto mais facilmente reconhecido, menos complexo e/ou marcado.

Assine e Bassani (2020) descrevem a emergência dos prefixos *a-*, *eN-* e *deS-* (como em *amaciar*, *enfraquecer* e *desligar*, respectivamente) em formações morfológicamente transparentes e semanticamente composicionais na produção de três crianças monolíngues falantes de português brasileiro, na faixa etária de 3 a 5;6 anos. O foco da investigação se deu sobre a produção de formas possivelmente analisáveis a partir da comparação da ocorrência de formas não-prefixadas (ex. *ligar*) e prefixadas com raiz comum (ex. *desligar*) em um mesmo indivíduo. Para tal, um dos objetivos iniciais deste artigo era o de investigar se a criança, para cada forma composicional prefixada, produz a mesma forma sem o prefixo, como indício de que ela está de fato analisando a palavra em partes constituintes e não a produzindo como um bloco, equiparável a uma forma morfológicamente simples. Além disso, o trabalho também realizou comparação das formas emergentes na produção infantil com a frequência recebida pelo *input* e a produção de formas inovadoras como indicativos, ou pistas, de aquisição de uma regra morfológica prefixal. Os resultados do estudo sugerem que a emergência de formas analisáveis tende a aumentar na produção infantil com o avanço da idade. Isto é, a produção de formas morfossemanticamente mais complexas aumenta devido a um prévio mapeamento dos significados prefixais. Segundo as

autoras, isso fica evidente quando o prefixo *deS-* passa a ser produzido em formas inovadoras ou criações lexicais, em que é claro seu significado composicional analisável e não há ocorrência da mesma forma na fala adulta, ou seja, se descarta a produção infantil como mera repetição do *input*. Essas formas inovadoras são *disjuntar* e *descartelar*. Os resultados também apontam que o prefixo *deS-* é o mais analisável. Ainda sobre as formas analisáveis presentes na produção infantil, a maior parte delas está entre os dados *pouco frequentes no input*; isso significa que alta frequência e analisabilidade não são aspectos dependentes. Como agenda futura, as autoras consideram a aplicação de um experimento, com base nas formas prefixadas encontradas, a fim de corroborar ou de refutar os resultados sobre quais dados de fato são analisados pelas crianças.

Finalmente, tanto em aquisição de morfologia flexional quanto em morfologia derivacional, há estudos publicados que não foram encontrados pelo recorte metodológico estabelecido, pois este levantamento não inclui publicações de outras revistas, livros, anais de eventos, teses e dissertações, trabalhos de conclusão de curso e manuscritos. No entanto, é inegável que, apesar de limitado, este artigo contribui para que o leitor possa chegar a outros estudos em aquisição de morfologia a partir das referências aqui elencadas. Isto posto, destacamos abaixo alguns trabalhos importantes, não sem reconhecer que essa é uma escolha subjetiva e que outros igualmente importantes poderiam ser citados.

Em uma perspectiva histórica, destacamos os primeiros estudos desenvolvidos e orientados por Eleonor Scliar-Cabral sobre o domínio de regras morfofonêmicas (ver Scliar-Cabral (2013) e referências ali inseridas) e, mais recentemente, citamos duas dissertações que enfocam, respectivamente, a aquisição de morfologia derivacional e a aquisição de morfologia flexional verbal. Lima (2006) investiga a aquisição de morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro por crianças de 2 a 7 anos de idade pela observação da frequência dos processos de formação de palavras e dos afixos derivacionais. Por sua vez, Wuerges (2019) investiga a aquisição da morfologia flexional verbal em cinco crianças entre 1;6 e 4 anos falantes monolíngues de português brasileiro. O trabalho enfoca o fenômeno da regularização e a ocorrência de formas variáveis sob a perspectiva da abordagem do modelo gerativista para aquisição de linguagem denominado *Rules and Competition* de Yang (2002).

5 Considerações finais: um balanço dos estudos em Aquisição de morfologia e uma agenda de pesquisa

Com base em tudo o que foi apresentado no presente artigo, concluímos que, quantitativamente, há menos estudos de fenômenos morfológicos durante a aquisição de língua materna do que estudos de aquisição de aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos no corpus selecionado.

Como vimos na seção anterior, a publicação da maior parte dos artigos em morfologia se concentra entre os anos 2011-2020, enquanto os trabalhos em aquisição de morfologia derivacional datam de 2012, 2018 e 2020, sendo os dois últimos muito recentes. Apesar de pequeno, esse número pode indicar um interesse recente da publicação neste subtema, ainda que, de modo geral, este interesse menos aos pesquisadores.

No âmbito da morfologia, o maior interesse das pesquisas sobre o português brasileiro reside na aquisição de categorias da flexão. Destes trabalhos publicados, a maioria investiga a aquisição do sistema verbal, especialmente o fenômeno da (super)regularização e a existência de formas morfológicas variantes durante a aquisição de regras morfofonológicas. Esse parece também ser o cenário dos estudos internacionais, em especial, os que investigam a aquisição de língua inglesa (cf. LIGNOS; YANG, 2016; MARCUS *et al.*, 1992; PINKER; PRINCE, 1992; PINKER; ULLMAN, 2002). Em seguida, desperta interesse a aquisição do sistema morfológico nominal, com a investigação da concordância variável de número, com controle da ocorrência de concordância redundante e não-redundante, seguido pela aquisição da categoria de gênero, com especial interesse na variação promovida pelas trocas morfêmicas realizadas pelas crianças. Dentre os estudos em aquisição de morfologia derivacional, muito pouco representativos, são escassos os trabalhos que fazem uma investigação de morfologia derivacional frente a questões de pesquisa definidas em um modelo de gramática específico. De fato, são mais presentes os estudos de levantamento de ocorrências de afixos e da investigação da consciência morfológica infantil. De modo geral, em outras línguas também os estudos sobre a aquisição da morfologia derivacional são desprivilegiados em comparação à morfologia flexional (CLARK, 2001).

A partir do que se observou aqui, pode-se concluir que uma agenda de pesquisa de estudos sobre a aquisição de linguagem das categorias da morfologia derivacional frente a modelos de língua específicos é premente. Deve-se adicionar que a aquisição da morfologia derivacional caminha paralelamente com a aquisição lexical. Segundo Ravid (2019), tanto o desenvolvimento da aquisição de morfologia flexional quanto derivacional se entrelaçam ao crescimento lexical, mas a aquisição da morfologia derivacional é altamente dependente do desenvolvimento

de um léxico amplo e coerente no indivíduo. E esse desenvolvimento lexical depende também de fatores da exposição ao *input*.

Uma agenda de pesquisa para o estudo da aquisição de morfologia do português brasileiro, e do léxico por consequência, necessita, de maneira imediata, minimamente de estudos sobre a aquisição e sobre o desenvolvimento da compreensão e da produção nos falantes de língua materna no que se refere aos seguintes subtemas de pesquisa, dentre outras possibilidades:

- (1) aquisição e desenvolvimento de uma tipologia de raízes na constituição do léxico inicial e do léxico adulto, seja essa tipologia de forma (propriedades formais), seja de conteúdo (propriedades semânticas);
- (2) desenvolvimento da morfologia simples para a morfologia complexa (mapeamento da evolução da presença de afixos e regras) e sua relação com o desenvolvimento fonológico;
- (3) aquisição e desenvolvimento de palavras e de expressões complexas em si, tais como palavras prefixadas, sufixadas e compostas, tendo essas formações semântica composicional ou não-composicional;
- (4) aquisição e desenvolvimento de tipologia verbal, seja no que se refere a seu aspecto gramatical e lexical, seja sua estrutura de argumentos;
- (5) aquisição e desenvolvimento de tipologia nominal, seja no que se refere a sua semântica, seja em categorias gramaticais;
- (6) aquisição e desenvolvimento de morfologia avaliativa, sejam diminutivos, aumentativos, sejam outros tipos de morfemas modificadores (VILLALVA, 1994);

- (7) aquisição e desenvolvimento do sistema preposicional, sejam preposições lexicais, sejam funcionais;
- (8) aquisição e desenvolvimento de morfologia comparativa e de grau;
- (9) aquisição de regras morfofonológicas, que resultam em alormorfias condicionadas gramatical, fonológica ou lexicalmente;
- (10) investigação da relevância do input para os desenvolvimentos morfológico e lexical.

Por fim, a investigação de tais questões empíricas só se faz relevante e justificável, na medida em que figura por trás um modelo de língua para a Morfologia e para o Léxico. Este modelo pode ser testado, ou seja, testa-se aquilo que a teoria prediz que sabemos sobre a morfologia e o léxico da língua a partir da investigação do que a criança sabe, ou, de outro modo, o modelo de língua pode lançar luz sobre os dados concretos morfológicos da produção ou compreensão infantil: explica-se a natureza do fazer da criança, diferenciado ou igual ao fazer do adulto, a partir daquilo que se pressupõe que ela sabe ou até onde se espera que ela irá chegar.

Declaração de autoria

Indaiá Bassani: Conceptualização; Coleta e Curadoria de dados; Escrita – original; Escrita – análise e edição; Metodologia; Análise formal; Recursos.

Fernanda Soares: Conceptualização; Coleta de dados; Metodologia; Escrita – análise e edição; Recursos.

Referências

ARAUJO, T. A aquisição da morfologia verbal no PB e a categoria de aspecto. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 89-105, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n3a22620>

ASSINE, J. S.; BASSANI, I. S. A emergência de prefixos na aquisição de português brasileiro: formas analisáveis e a relação com o input. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n.1, p. 136-165, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30626>.

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; ARMELIN, P. R. G. Concordância nominal variável e saliência fônica na produção infantil: dados naturalísticos e experimentais. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 192-221, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30983>.

BORGES, V. P.; MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. Processamento dos afixos do PB: o reconhecimento de morfemas por crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 582-594, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26422>.

CLARK, E. Morphology in Language Acquisition. In: SPENCER; A.; ZWICKY, A. M. (orgs.). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 374-389.

CORREA, L. M. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 339-383, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300014>.

FERRARI NETO, J. Passos em direção a uma teoria da aquisição da morfologia. In: TAVEIRA DA CRUZ, R. (org.). *As interfaces da gramática*. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 215-239.

FIGUEIRA, R.A. A Aquisição dos verbos prefixados por des-. *PaLavra*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 190-211, 1999.

FIGUEIRA, R.A. L'Acquisition du paradigme verbal du portugais. Les Multiples directions des fautes. *CALAP*, Paris, v. 20, p. 45-64, 2003.

FIGUEIRA, R.A. A aquisição do paradigma verbal do português: as múltiplas direções dos erros. In: ALBANO, E. et al. (orgs.). *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 479-503.

FIGUEIRA, R. A. A criança na língua. Erros de gênero como marcas de subjetivação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 47, n. 1/2, p. 29-48, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v47i1/2.8637268>.

FIGUEIRA, R. A. Marcas insólitas na aquisição de gênero gramatical: a propriedade reflexiva da linguagem na fala da criança. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 313-320, 2013.

GOULART, T. P. D.; MATZENAUER, C. L. B. A conjugação de verbos irregulares por crianças falantes nativas de português brasileiro: um

estudo sob o viés da fonologia e morfologia lexical. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 62, n. 1, p. 173-193, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1804-8>.

KARMILOFF-SMITH, A. *Beyond Modularity: a developmental perspective on cognitive science*. Cambridge: MIT, 1992.

LAMPRECHT, R. R. Memórias do passado, repercussões no presente: vinte anos de pesquisas em Aquisição da Linguagem na PUCRS. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n.2, p. 11-22, 2003.

LEMLE, M.; SCHER, A. P.; SILVA, M. C. F.; MEDEIROS, A. B. A morfologia distribuída no Brasil: duas décadas de existência. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 141-182, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.141-182>

LIGNOS, C.; YANG, C. Morphology and language acquisition. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. (eds.). *The Cambridge handbook of morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 765–791.

LIMA, P. A. N. *Morfemas derivacionais e compostos do português brasileiro na fala de crianças de dois a sete anos de idade*. 2006. 91f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

LORANDI, A. A consciência linguística e o modelo de Redescrição Representacional: como explicar a discrepância entre os processos de consciência em diferentes microdomínios?. In: FERREIRA GONÇALVES, G; BRUM DE PAULA, M. R.; KESKE-SOARES, M. (orgs.). *Estudos em Aquisição Fonológica*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária PREC-UFPeL, 2011. p. 205-217.

LORANDI, A. Formas morfológicas variantes na aquisição da morfologia: evidências da sensibilidade da criança à gramática da língua. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 81-96, 2010.

LORANDI, A.; MENEZES, J. T.; SILVA, I. L.; SILVA, L. B.; MARQUES, D. M. Consciência linguística: diferentes olhares. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 21-44, 2013.

MARCUS, G. F.; PINKER, S.; ULLMAN, M.; HOLLANDER, M.; ROSEN, T. J.; XU, F. Overregularization in language acquisition. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, Ann Arbor, n. 57, p. 1 - 182, 1992. DOI: <https://doi.org/10.2307/1166115>.

MOLINA, D. *Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB*. 2018. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

MOLINA, D.; MARCILESE, M.; NAME, C. Aquisição da linguagem e variação linguística em diálogo: investigando a produção e a compreensão da flexão verbal de terceira pessoa do plural no PB. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 35-54, 2018. DOI:

<http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n3a21334>.

NAME, M. C. L. Categorias funcionais e aquisição de gênero: o que dados da produção e da percepção da linguagem podem informar? *Letras De Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 297-303, 2013.

PINKER, S.; PRINCE, A. Regular and irregular morphology and the psychological status of rules of grammar. In: SUTTON, L. A.; JOHNSON, C.; SHIELDS, R. (eds.). *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Grammar of Event Structure (1991)*. New York: Linguistic Society of America, 1992. p. 230–251.

PINKER, S.; ULLMAN, M. T. The past and future of the past tense. *Trends in Cognitive Sciences*, Cambridge, n. 6, p. 456 - 463, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(02\)01990-3](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(02)01990-3).

RAVID, D. First-Language Acquisition of Morphology. In: ARONOFF, M. (Ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 1-38. Disponível em: <https://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore9780199384655-e-603>. Acesso: 27 mai. 2021.

REIS, M. M. Competição de gramáticas na aquisição da flexão de número pelas crianças brasileiras: Um estudo experimental sobre a produção infantil. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24 n. 1, p. 166-191, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30635>.

ROTHSTEIN, S. *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

SANTOS, R. S.; SCARPA, E. M. A aquisição da morfologia verbal e sua relação com o acento primário. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 249-260, 2003.

SANTOS, R. S. *A aquisição do acento primário no português brasileiro*. 2001. 316 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SCHER, A.; BASSANI, I.; ARMELIN, P. A ideia por trás do Colóquio Brasileiro de Morfologia (CBM) e os trabalhos do III CBM publicados neste volume. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica*

e Aplicada, São Paulo, v. 34 n. 2, p. 475-482, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445097677029277296>

SCLIAR-CABRAL, L. Evolução das pesquisas em aquisição da linguagem oral monolíngüe no Brasil. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008. p.115-127.

SILVA, M. C. S; MARTINS, A. L.; RODRIGUES, N. P. S. Aquisição de aspecto semântico no português do Brasil: as realizações morfológicas em verbos prolongáveis temporalmente e de mudança de estado. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 113-135, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30556>.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas*. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCT, 1994.

WUERGES, T. E. *A aquisição da morfologia verbal por crianças falantes de português brasileiro e o uso de formas variantes*. 2014. 155 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

YANG, C. *Knowledge and Learning in Natural Language*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

YAVAS, F.; CAMPOS, J. Aquisição da morfologia verbal do português como L1 e L2. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 81-95, 2014.